

**COMUNIDADE INFANTIL: PRÁTICAS DO COTIDIANO DE UMA CRECHE  
UNIVERSITÁRIA NA DÉCADA DE 1970****ROSANA CARLA DE OLIVEIRA**Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação- Universidade Federal de São Paulo-  
UNIFESP. E-mail: [rosanatts1@gmail.com](mailto:rosanatts1@gmail.com)ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1658-8729>**CLAUDIA PANIZZOLO**Doutora em Educação. Professora do Programa Pós-graduação em Educação- Universidade Federal de São  
Paulo- UNIFESP. E-mail: [claudiapanizzolo@uol.com.br](mailto:claudiapanizzolo@uol.com.br)ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3693-0165>**RESUMO**

A *Comunidade Infantil* é a primeira creche universitária federal, pertencente à Universidade Federal de São Paulo- Unifesp. Foi criada em 1971, para atendimento dos filhos de duas funcionárias da *Escola Paulista de Enfermagem* (EPE). Este artigo tem como objetivo apresentar a representação das práticas pedagógicas de um tempo vivido na instituição. A delimitação temporal compreende de 1971 ano da criação até 1979, período em que a *Comunidade Infantil* funcionou no prédio da EPE. Como fontes foram utilizadas memórias, iconografias e um manual. A categoria principal de análise é a de instituição educativa, com empréstimos do referencial teórico de Justino Magalhães, que aponta para a importância da materialidade, representação e apropriação; como categorias decorrentes foram empregadas as memórias, sob as perspectivas de Halbwachs e Bosi; e lugar com os estudos de Michel de Certeau. Nota-se como resultado dessa investigação que as práticas pedagógicas dessa Instituição Educativa seguiram o projeto institucional elaborado. As análises permitiram concluir que as intenções e interesses dos responsáveis se materializaram no cotidiano, que as questões pedagógicas, associadas as da saúde fizeram parte das ações. Ainda, que algumas dessas práticas tenham sido transformadas ao longo da história da instituição.

**Palavras-chave:** Comunidade Infantil. Paulistinha. Creche Universitária.**COMUNIDADE INFANTIL: DAILY PRACTICES IN A UNIVERSITY DAY CARE  
IN THE 1970****ABSTRACT**

The *Comunidade Infantil* is the first federal university daycare center to belong to the Universidade Federal de São Paulo – Unifesp. Created in 1971, to care for the children of two employees of the *Escola Paulista de Enfermagem* (EPE). This article aims to present the representation of the pedagogical practices of a time lived in the institution. The temporal delimitation comprises from 1971 year of creation until 1979, a period in which the *Comunidade Infantil* functioned only in the EPE building. As sources were used memories, iconographies and a manual. The main category of analysis is that of educational institution with loans from the theoretical references of Justino Magalhães, which points to the importance of materiality, representation and appropriation, as the resulting categories were used the memories under the perspectives of Halbwachs and Bosi, and place with the studies of Michel de Certeau. Research results show that pedagogical practices of this Educational Institution were based on the proposed institutional project. The analyzes allowed to conclude that the intentions and interests of the responsible ones materialized in the daily one, that the pedagogical questions, associated to the ones of health were part of the actions. Still, that some of these practices have been transformed and others have remained throughout the institution's history.

**Keywords:** Comunidade Infantil. Paulistinha. University Day Care.

## COMUNIDADE INFANTIL: PRÁTICAS DIARIAS EN UNA GUARDERÍA UNIVERSITARIA EN LOS AÑOS 70

### RESUMEN

La Comunidad Infantil es la primera guardería universitaria federal, perteneciente a la Universidade Federal de São Paulo - Unifesp. Fue creado en 1971, para cuidar a los hijos de dos empleados de la *Escola Paulista de Enfermagem* (EPE). Este artículo tiene como objetivo presentar la representación de las prácticas pedagógicas de un tiempo vivido en la institución. La delimitación temporal comprende desde 1971 año de creación hasta 1979, un período en el que la Comunidad Infantil funcionó solo en el edificio EPE. Como fuentes se utilizaron memorias, iconografías y un manual. Como principal categoría de análisis, se utilizó la institución educativa, con préstamos del marco teórico de Justino Magalhães, lo que señala la importancia de la materialidad, la representación y la apropiación, como categorías resultantes, los recuerdos se utilizaron desde las perspectivas de Halbwachs y Bosi, y se ubicaron con los estudios de Michel de Certeau. Como resultado de esta investigación, se observa que las prácticas pedagógicas de esta institución educativa siguieron el elaborado proyecto institucional. Los análisis permitieron concluir que las intenciones e intereses de los responsables se materializaron en el cotidiano, que las cuestiones pedagógicas, asociadas a las de salud fueron parte de las acciones. Aún así, algunas de estas prácticas se han transformado y otras se han mantenido a lo largo de la historia de la institución.

**Palabras-clave:** Comunidad Infantil. Paulistinha. Guardería Universitaria.

### A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO PARA A INFÂNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Comunidad Infantil nasceu no ano de 1971 como a primeira Creche Universitária Federal brasileira<sup>1</sup> e a partir de 2014<sup>2</sup> foi reconhecida oficialmente como Núcleo de Educação Infantil (NEI)Paulistinha. Essa instituição educativa foi criada para atendimento dos filhos de duas funcionárias que trabalhavam na Escola Paulista de Enfermagem (EPE), que não tinham com quem deixar seus filhos durante o período de trabalho. Essas mães trabalhadoras pertenciam às camadas médias da sociedade e tinham cargos de nível superior. Uma era professora do curso de Enfermagem e a outra era chefe do Departamento de Recursos Humanos.

A instituição está localizada na Vila Clementino, zona sul da cidade de São Paulo, região do Parque do Ibirapuera, mesmo bairro de sua criação. Nas primeiras décadas do século XX esse lugar possuía um aspecto rural e foi se reconfigurando com a chegada de famílias italianas

---

<sup>1</sup> De acordo com Brasil (2010) existem em funcionamento 26 unidades de Educação Infantil em 19 universidades federais, grupo no qual a instituição pesquisada se insere como a primeira Creche Universitária Federal. A Paulistinha institucionalmente está vinculada à Reitoria da Universidade Federal de São Paulo-Unifesp.

<sup>2</sup> Resolução nº102, de 11 de junho de 2014. Cria o Núcleo de Educação Infantil- Escola Paulistinha de Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em <https://www.unifesp.br/images/docs/consu/resolucoes/resolucao102.pdf> . Acesso em 20/01/2018.

e portuguesas que ocuparam os postos de trabalho oferecidos nas chácaras e em um grande matadouro que movimentava a economia da região (ANGRIMANI, 1999).

O aspecto rural se manteve até meados do século XX. De acordo com o autor, muitas transformações se deram ao longo da década de 1970. Instituições e serviços foram chegando e se juntando à Escola Paulista de Medicina (EPM), à Escola Paulista de Enfermagem (EPE), ao Hospital São Paulo (HSP) e ao Amparo Maternal, dentre elas o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Instituto Biológico. Essas transformações no decorrer dos tempos, fizeram com que a característica de local calmo e pacato, se convertesse em um bairro movimentado e de novas vizinhanças.

O crescimento da região provocou uma série de mudanças em sua paisagem. As chácaras foram loteadas, casas e sobrados demolidos deram lugar à construção de prédios. Os jardins das casas que restaram se renderam às garagens pavimentadas, no entanto, parte da vegetação resistiu e se conservou nas ruas arborizadas que constituem o lugar (ANGRIMANI, 1999).

Nesse lugar caracterizado por um misto entre o moderno e o antigo foi criada a Comunidade Infantil. Em uma sala adaptada da Escola Paulista de Enfermagem ofereciam às primeiras crianças atenção à higiene, alimentação, recreação e demais cuidados essenciais de acordo com cada faixa etária.

Os relatos revelam que o atendimento ofertado foi considerado de boa qualidade pela comunidade da EPE, EPM e HSP, o que levou outros segmentos a pleitearem o direito aos cuidados de seus filhos no período e local de trabalho. Desse modo, cerca de dois anos após a criação da creche houve a ampliação do serviço e a necessidade de elaboração de um projeto de funcionamento.

Naquele momento, a creche recebeu seu primeiro nome de Comunidade Infantil, que permaneceu até finais dos anos de 1980, período em que funcionou no prédio da EPE na rua Napoleão de Barros e em um sobrado alugado na mesma rua. Somente na década de 1990 a creche mudou-se para a rua Varpa, no mesmo bairro, ocupando dois sobrados -um para o berçário e outro para as crianças maiores- e então passou a ser chamada de Paulistinha.

Este artigo tem como objetivo apresentar as práticas pedagógicas de um tempo vivido na instituição, para ajudar a compreender as relações, os saberes, as crenças e as atitudes que formaram a cultura escolar naquele tempo. Este estudo se insere na perspectiva dos estudos de História das Instituições Educativas, e para tal, considera a materialidade, as representações e a apropriação dos participantes da história desta instituição.

O limite temporal compreende desde o ano de 1971- ano da criação da creche até 1979, período em que a Comunidade Infantil funcionou somente no prédio da EPE.

Para a construção do texto procedeu-se a análise das seguintes fontes: documentos da Creche e da Escola Paulista de Enfermagem, o Manual Comunidade Infantil Creche (1979), entrevistas<sup>3</sup> e documentos de arquivos pessoais, como registros e fotografias cedidos pelos participantes da pesquisa<sup>4</sup>.

De acordo com Magalhães (2004) para compreender o processo histórico de uma instituição educativa é preciso conhecer a organização, o funcionamento, as práticas, as representações, as apropriações, o envolvimento e as memórias. A dimensão simbólica e a subjetivação se materializam no que se refere às ações da realidade institucional, como desempenho de funções e papéis de cada um dos envolvidos.

As representações se constituíram nessa narrativa referentes ao grau de aplicação das pedagogias, relativas aos currículos, estatutos e ações de seus agentes que subsidiaram as práticas cotidianas, com seus valores implícitos que pautaram a modelização de comportamentos. A materialidade foi apresentada nos fazeres pedagógicos, na organização e funcionamento, nas condições materiais, nas paredes brancas e no espaço limitado às crianças. Condições que foram oferecidas naquele momento e revelaram o projeto educacional daquela instituição. As aprendizagens, a cultura escolar, o modelo pedagógico, a identidade dos sujeitos que se formaram são as apropriações estabelecidas num contexto complexo e multifacetado, tomadas das estruturas que desenvolveu sua identidade histórica.

Para Magalhães (2004) as memórias são consideradas recursos fundamentais para a construção da História das Instituições, principalmente quando as fontes documentais são escassas ou de difícil acesso: “É uma memória ritualista e comemorativa, feita de relatos e de representações simbólicas ou materiais, sedimentadas ou mediatizadas por históricos e fatologias, frequentemente de reduzido valor científico” (p. 127).

As entrevistas permitiram momentos de escuta, que possibilitaram aos entrevistados se situar em outro tempo, e por meio das memórias inferir um passado ainda presente em suas

---

<sup>3</sup> Foram entrevistadas algumas pessoas que participaram do período de criação e implementação da Creche. Para as transcrições das entrevistas foram utilizados os recursos gráficos sugeridos por MARCUSCHI (2007), referência brasileira para análise da conversação. Nos fragmentos de entrevistas, quando se tratar de fala literal dos entrevistados, foram utilizados: fonte itálica tamanho 12 em até 3 linhas no corpo do texto e entre aspas; com mais de 3 linhas, fonte itálica tamanho 11 com recuo de 3 centímetros. Ainda os seguintes recursos: colchetes[...] para supressão de trecho no mesmo turno de fala; ponto ( . ) indica pausa, e letras maiúsculas para destaque nas palavras ou expressões quando dada ênfase pelo entrevistado.

<sup>4</sup> Projeto de Pesquisa aprovado no Conselho de Ética em Pesquisas- CEP/UNIFESP sob o Parecer de número:1559/2017, na data de 01 de fevereiro de 2018.

recordações revelando as apropriações constituídas nessa instituição. A análise das entrevistas associada às demais fontes possibilitou a reconstrução de um tempo vivido a partir da visão de mundo dos envolvidos.

Assim como alerta Benjamin (1994) durante as análises foi possível observar que a narrativa é embasada em elementos como os ensinamentos morais, as sugestões práticas e as normas de vida. Deste modo, cabe ao historiador apresentá-los não como modelos únicos de história, ou descrição de um objeto físico, mas como uma constituição a partir de uma visão de mundo.

Bosi (1994) corrobora com o autor afirmando que a narração não é parte do confinamento de um livro, mas recriação de vibrações transformadas e produzidas com amplitude de experiências que permite ao ouvinte uma situação aberta de interpretação, cuidadosa e rigorosa. Afirma que “A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma” (p. 88).

Durante as análises notou-se que as memórias e os esquecimentos integravam um coletivo ao qual o entrevistado pertencia. Halbwachs (2006) afirma que a memória é individual e única, no entanto, destaca que as lembranças são desenvolvidas a partir de combinações complexas de quadros sociais estabelecidos de acordo com as relações vividas. Ainda ressalta que, o esquecimento de determinado período está relacionado à perda de contato com os que o rodeavam, assim, novos quadros sociais se constituem e formam outras combinações complexas e dialéticas. Desta forma considera o esquecimento tão necessário quanto a memória.

De acordo com o autor, cada indivíduo constrói sua lembrança a partir das marcas dos grupos sociais a que pertence, nos quais as memórias e esquecimentos pressupõem mudanças e permitem relatar histórias distintas. A memória e o esquecimento marcaram as narrativas apontando reconstruções, costumes, valores, e hábitos que adentraram e se formaram na cultura escolar, algumas conservadas e outras modificadas. Neste estudo as memórias foram utilizadas como fonte para reconstrução de um passado vivo, não como uma história única e verdadeira, mas como possibilidade de revelação de uma visão de mundo de um tempo vivido.

E por fim, cabe destacar o aporte de sustentação da pesquisa buscado em Certeau (1976, 2014), que afirma que toda narração integra um *Lugar* de origem, como parte da prática cotidiana. Os fatos narrados produzem um campo de atuação, espelham a vida, organizam e transformam os lugares em espaços, os quais situam o leitor quanto às caminhadas traçadas e

suas transformações. A análise extrapolou a marcação da temporalidade, indicou ações dos envolvidos e as relações dentro de elementos indicativos que compuseram um cenário, e que reportaram a um tempo e tornaram possível o entendimento da história narrada.

O texto está organizado em três seções. Na primeira *Memórias de criação da Comunidade Infantil*, apresenta-se a ambiência do período em que nasce a creche, as dificuldades e as relações construídas; na segunda, *As crianças, o espaço e as professoras bem-educadas*, busca-se discutir as relações estabelecidas entre os participantes que transformaram aquele lugar em um espaço praticado; na terceira *Práticas cotidianas na Comunidade Infantil*, ajusta-se o foco para as práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano e para os aportes que subsidiavam a organização da creche; e por fim as considerações finais.

## MEMÓRIAS DE CRIAÇÃO DA COMUNIDADE INFANTIL

Entra a década de 1970, seis anos após o Golpe Civil-Militar que marcou o início dos anos de chumbo no Brasil, período de repressão, privação, cassação de direitos e cerceamento da liberdade política dos brasileiros que duraria 21 anos. O Ato Institucional n.º 5 (AI-5) suspendeu os direitos constitucionais civis, dando poderes aos governantes que fizeram uso de maneira arbitrária e a sociedade sofreu as repercussões diretas daquele momento histórico.

De acordo com Cunha (1980) os meios oficiais divulgavam um otimismo social e econômico, no entanto, os dados do Censo Demográfico de 1970 apontavam distorções em relação aos dados e os discursos apresentados que revelaram desigualdades na distribuição de renda e aprofundamento nas desigualdades sociais. O autor aponta que a educação foi utilizada como forma de manutenção do regime, já que as escolas elementares destinadas aos filhos dos trabalhadores eram muitas vezes, de baixa qualidade e o ensino secundário visava à formação de mão de obra, diferente das camadas médias e altas que continuavam com um currículo amplo centrado nos estudos literários. A este respeito Cunha (1980) afirma que:

[...] a Ciência da Educação é um capítulo da Política: a arte de governar as crianças está estreitamente ligada à arte de governar os homens: a educação das crianças deve ser assumida pelo Estado e retirada da responsabilidade dos particulares (p. 39).

O Estado se utilizou das Políticas Públicas para Educação de forma ineficaz, principalmente em relação as crianças pequenas. Os dispositivos legais não garantiram a oferta do atendimento, já que existia enorme contingente de mulheres trabalhadoras que necessitava de vagas em creches.

O município de São Paulo oferecia um número insuficiente de creches reconhecidas oficialmente para atendimento das crianças da cidade. A ausência de vagas era a motivação para as mulheres se organizarem em favor do direito de um lugar seguro para deixar seus filhos durante o horário de trabalho.

Segundo Rosemberg, Campos e Haddad (1991) em 1970 o Município de São Paulo tinha uma população de 750 mil crianças na faixa etária de 0 a 4 anos e as políticas eram ineficientes para o atendimento dessa demanda. Segundo as autoras, havia apenas 840 crianças atendidas em estabelecimentos oficiais em toda a cidade de São Paulo. A prefeitura possuía apenas uma Creche da Rede Direta - vinculada diretamente ao poder público, incluindo investimento, gerenciamento de funcionários e proposta educacional que atendia 180 crianças. A grande parte dos atendimentos, 660 crianças, era realizada por 28 Creches Conveniadas vinculadas a setores como saúde, serviço social, organizações não governamentais e instituições religiosas. As instituições mantenedoras eram as responsáveis pela gestão de recursos financeiros, repassados pelo poder público, contratação de profissionais e programa de atividades (ROSEMBERG, CAMPOS, HADDAD, 1991, p. 17).

Nessa mesma década o quadro de funcionários da *Escola Paulista de Enfermagem* era composto majoritariamente por mulheres, desde as estudantes até os cargos mais altos. Os relatos revelaram que grande parte dessas funcionárias tinha filhos pequenos e precisava de um lugar para deixar seus filhos no período de trabalho, desse modo a procura por vaga em creches era grande.

Suzana Pimenta<sup>5</sup> -chefe da secretaria acadêmica da Escola de Enfermagem e irmã da professora Rosa Aparecida Pimenta- mãe de duas meninas, e Maria Gaby -professora do curso de Enfermagem -mãe de um menino, também foram vítimas do problema que assolava as mães trabalhadoras, de não ter onde deixar seus filhos<sup>6</sup>. Juntas e amparadas nos dispositivos legais, Decreto -Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943 (CLT)<sup>7</sup>, foram até a madre Áurea- responsável pela EPE, e solicitaram o direito de permanência dos filhos naquele local durante o expediente. O fato de a mãe utilizar a legislação como instrumento de trabalho favoreceu a reivindicação do cumprimento do seu direito de mãe trabalhadora. Quanto à lei, Suzana afirma que:

---

<sup>5</sup> Suzana Pimenta mãe das primeiras crianças da creche - entrevistada em 28 de fevereiro de 2018.

<sup>6</sup> É possível notar a importância da mulher trabalhadora no período de criação da creche, visto que em período de ditadura militar e queda nos rendimentos familiares, grande parte delas assumiu a responsabilidade do sustento da família (CUNHA, 1980).

<sup>7</sup> Consolidação da Leis do Trabalho. § 1º - Os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 (trinta) mulheres com mais de 16 (dezesesseis) anos de idade terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência a seus filhos no período da amamentação (BRASIL, 1943).

*Tinha conhecimento já, mas na hora veio uma inspiração até porque eu lidava com isso nessa época, além de ser secretária acadêmica eu lidava também com o RH da escola. Então, eu e a Gaby tomamos coragem e contando com o apoio e autorização da madre Áurea, que era a diretora, nós fomos conversar com o reitor. Na época não era reitor ainda porque não era Universidade, ele era o diretor-presidente Horácio Feliz de Melo<sup>8</sup>. [...] O doutor Horácio obviamente teve dificuldades de entender, o que comum na época. Não era uma coisa normal dessas de acontecer. Existia a lei que protegia, mas a maneira de fazer não acontecia de verdade, só algumas fábricas garantiam esse atendimento para suas funcionárias, mas a maioria das empresas não fazia. Houve um pouco de dificuldade, mas depois ele autorizou (Entrevista Suzana).*

A negociação das mães com a diretoria do Departamento de Enfermagem para aceitação da permanência das crianças durante o período de trabalho não aconteceu harmoniosamente. Foram diversos momentos de conversas, divergências e convergências, até a chegada das crianças na instituição:

*Eu peguei a lei na mão e fui conversar com o doutor Horácio. Ainda, a madre Aurea ficou toda cheia de pruridos porque sabia que eu era meio brava. E eu disse não! É a lei que me dá esse direito e fui... Foram muitas conversas com o diretor Horácio, foram muitas brigas, muitas discussões, até que finalmente, com o apoio das religiosas, ele aceitou. Foi uma situação nada amistosa e a Gaby precisou se opor do cargo que ocupava (Entrevista Suzana).*

Em meio a esse conflito, a condição para a autorização da assistência era de que não houvesse nenhum tipo de despesa para a escola, pois, naquele momento a *Escola Paulista de Medicina*, à qual a EPE estava vinculada, não dispunha de orçamento para custear o serviço a ser oferecido para as crianças:

*A única coisa da Paulista de Enfermagem era o local, que era bem pequeno por sinal! [...] a EPM não tinha condições de ter um local específico, e é aí que entra a criatividade das enfermeiras e de todos os profissionais que trabalhavam na Escola. E o desafio de uma das pequenas salas ser transformada em um berçário, porque Alessandra era bebezinha (Entrevista Rosa<sup>9</sup>).*

Depois das intensas negociações conseguiram uma sala apartada, e então, organizaram tudo o que era preciso para iniciar o atendimento:

*Sim nós que levamos tudo! Nós que montamos berço, carrinho e tudo que era necessário. Então, escolhemos uma sala que não tinha grande trânsito para as alunas. Porque não era para atrapalhar nada! Não era para atrapalhar o trânsito das alunas! Tinha uma sala que dava para o refeitório, também a parte de trás dava para um jardimzinho do lado de lá. Nos cederam essa sala, e nós montamos tudo, nós contratamos duas pajens, nós que contratamos, nós que pagávamos [...] A gente que levava toda alimentação. Lá não tinha nada, nada, nada [...] nós erámos*

<sup>8</sup> Horácio Feliz de Melo – foi diretor-presidente da Escola Paulista de Medicina de São Paulo. Tornando-se reitor quando as faculdades foram federalizadas e se tornou universidade, a atual UNIFESP.

<sup>9</sup> Rosa Aparecida Pimenta, professora da Escola de Enfermagem, irmã de Suzana e tia das primeiras crianças da creche. Entrevistada em 28 de fevereiro de 2018.



*responsáveis por tudo. Como eu não tinha carro, pegava duas sacolas e as duas crianças no colo e pegava ônibus. Não tem como não lembrar (Entrevista Suzana).*

Os alimentos eram levados separadamente em potes, serviam as crianças em todas as refeições do dia. Os lençóis utilizados nas horas de descanso, eram lavados em casa nos finais de semana<sup>10</sup>. Quando ouviam as crianças chorando, interrompiam os afazeres e rapidamente iam verificar o que estava acontecendo:

*Não, eu não descia para amamentar, porque naquele tempo, quando acabava a licença-maternidade, a gente já parava de amamentar, mas eu dizia outra coisa, como, por exemplo, que queria trocar minhas filhas. Nos meus horários de folga de cafezinho eu ia lá vê-las, e como estavam cuidando delas. Pra mim aquilo era muito importante, podia ficar perto. Elas sabiam que eu estava lá! E as mães participavam bastante (Entrevista Suzana).*

As mães tinham contato com as crianças durante o dia todo, a cada cafezinho, ida ao banheiro ou horário de almoço aproveitavam para ver se estava tudo bem com seus filhos. O atendimento permaneceu por mais de um ano sob a responsabilidade dessas mães, com supervisão da EPE. Então, outras mulheres passaram a reivindicar o direito de ter uma vaga na creche no local de trabalho. Era necessária a ampliação da creche e naquele momento, Madre Áurea convidou Marianna Augusto<sup>11</sup>- Professora do *Curso de Pós-Graduação em Enfermagem Pediátrica*- para assumir a tarefa de expansão dessa assistência.

Marianna foi escolhida por sua trajetória profissional e acadêmica no que se refere aos estudos de assistência às crianças pequenas. Era enfermeira especializada em Pediatria e Puericultura pela *École de Puericulture de Faculté de Medicine de La Universidade de Paris-França* e no período de 1955 a 1956 estudou na Suíça com Jean Piaget. Durante os anos 1970, fundou os *Cursos de Pós-Graduação* stricto e lato sensu da *Disciplina de Enfermagem Pediátrica e Puericultura* na EPE (CARMAGNANI; PEREIRA; SILVA, 2010, p. 187 e 193).

Durante as entrevistas Marianna revelou que buscou apoio financeiro em suas relações de amizade para a institucionalização da creche. A professora tinha amizade com professoras americanas e inglesas, entre outras, que ajudaram conceitual e financeiramente na elaboração do projeto institucional. Segundo a entrevistada, elas pertenciam a famílias ricas da sociedade e eram *bem casadas*. O marido de sua amiga chamada Kelly era diretor do Banco de Boston no

---

<sup>10</sup>As narrativas retrataram a sobrecarga das práticas cotidianas das mulheres. A mãe era reconhecida socialmente como a única responsável pelo cuidado dos filhos, pelos afazeres domésticos, pela alimentação e ainda, por contribuir com a renda familiar, já que na década de 1970 as dificuldades sociais e econômicas eram muitas, devido às disparidades na distribuição de renda (CUNHA, 1980).

<sup>11</sup> Marianna Augusto foi uma das fundadoras da creche - Entrevistada em 02 e 24 de fevereiro de 2018.

Brasil, condição financeira que permitia boas doações aos seus projetos considerados filantrópicos.

As trocas de favores eram comuns entre as profissionais da área da saúde, eram frequentes os intercâmbios entre as famílias de diferentes nacionalidades para que os filhos e filhas pudessem estudar. Marianna enviou suas sobrinhas para estudar nos Estados Unidos e recebeu filhas e sobrinhas de amigas para estudar nos cursos técnicos da Escola Paulista de Enfermagem. A rede de sociabilidade de Marianna constituída nos cursos realizados no exterior como na França, Áustria, Suíça e Estados Unidos, como também no tempo em que foi representante do Ministério da Educação e Cultura (MEC)<sup>12</sup> - segunda metade da década de 1970- para validação dos Cursos de Enfermagem no país, foi fundamental para a continuidade de seus projetos.

Na década de 1970 a EPE, tinha dois grupos de alunas, as que residiam na cidade e as que vinham do interior da capital paulista. A residência da escola<sup>13</sup>, funcionava no décimo andar do Hospital São Paulo. Na frente do Hospital ficava o prédio da Escola de Enfermagem onde funcionavam as salas de aula e o refeitório para alunas e professoras. O lugar destinado às refeições era um local amplo, arejado e sua localização permitia pouca circulação de pessoas. Aquele local foi escolhido por Marianna e Madre Aurea como o mais adequado para receber um número maior de crianças. Logo, o refeitório foi desativado e aquele lugar foi transformado na creche:

*[...] Essas três crianças eram de idade diferente, bebê, 2 anos, 3 anos, não me lembro bem... e as maiorzinhas... como elas foram muito bem tratadas! Deu muito certo, vinham professoras e outras funcionárias pedir para deixar a criança lá. Então, começou a creche desta maneira, e seguiu de uma MANEIRA CIENTÍFICA MUITO, MUITO APRIMORADA<sup>14</sup>. Quando as médicas ficaram sabendo iam visitar e viam que as crianças eram mais bem cuidadas do que as que elas deixavam em casa com a empregada e começaram a pedir para deixar as crianças lá. E aí começou a creche de verdade[...]* (Entrevista Marianna).

As narrativas apontam para a preocupação da instituição em oferecer bons cuidados para as crianças. Nesse momento, já contava com um projeto pautado nos referenciais teóricos piagetianos, assim como tantas outras instituições infantis da época<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> Ministério da Educação e Cultura (MEC) era a nomenclatura à época, de acordo com a Lei Federal nº 1.920, de 25 de julho de 1953. Em 1985, pelo decreto nº 91.144, foram desmembrados os Ministérios da Cultura (MinC) e Ministério da Educação (MEC).

<sup>13</sup> Era chamada de residência a ala destinada à moradia das alunas e professoras do Departamento de Enfermagem, oriundas de outras localidades.

<sup>14</sup> As letras em caixa alta foram utilizadas, ao longo do texto, para destacar a ênfase na fala das entrevistadas.

<sup>15</sup> A teoria piagetiana difundiu-se e foi adotada, por exemplo, pela rede paulistana de Educação Infantil. A esse respeito consultar: SÃO PAULO. **Programação de Atividades para a Educação Pré-Escolar**- PMSP- Secretaria

Os cuidados com o atendimento e com local, também se refletiram na escolha do nome, que segundo Suzana foi sugerido pelas mães. A preferência por Comunidade se deu muito provavelmente pela resistência das famílias e da Enfermagem em aceitar o nome creche, visto que naquela época o termo era associado aos equipamentos voltados às camadas menos favorecidas da sociedade e as crianças que frequentavam a instituição pertenciam à camada média da sociedade. Tal objeção se manifesta no relato de Suzana:

*Até o nome Comunidade Infantil a gente montou, porque a gente não queria que chamasse de creche, entendeu? Não que tivesse alguma coisa contra [...] até para não dar a entender que seria alguma coisa como de uma outra fábrica qualquer. Entendia como órgão da saúde já pensando na educação da criança em comunidade e isso era muito importante para a gente (Entrevista Suzana).*

O termo creche carregava estigma social, primeiramente pelo atendimento, muitas vezes precário oferecido em determinados períodos do século XX, mas também pela falta de recursos e pela ausência de políticas eficazes que acabavam contribuindo para associação da creche à pobreza (VIEIRA, 2016). E em segundo lugar, pela divisão declarada de instituições, creche para o cuidado dos filhos das camadas pobres, e escolinhas como local de ensino e aprendizagem para as camadas mais altas da sociedade (KUHLMANN JR, 1998; ROSEMBERG, 2002).

Os relatos, como o de Suzana, revelam que “[...] queriam passar um sentido de família, extensão da casa e não algo totalmente institucional e frio”. Ainda demonstram uma tentativa de reiterar que as crianças atendidas na *Comunidade Infantil* não sofriam nenhum estigma, pois eram filhas de funcionárias, médicas e professoras da Escola de Enfermagem.

Diferentemente das crianças que frequentavam a creche do Jardim Sabiá, Projeto filantrópico desenvolvido pela EPE na região de Parelheiros- bairro periférico de São Paulo, que servia como campo de estágio para o curso de Enfermagem Pediátrica. Na maioria das vezes as crianças assistidas eram filhas de mães solteiras, que precisavam comprovar a necessidade financeira para frequentar a instituição. Destaca-se que essas crianças também recebiam atendimento de qualidade, no entanto, com objetivos e projetos distintos da instituição de classe média (CARMAGNANI; PEREIRA; SILVA, 2010).

As práticas de organização e funcionamento no período de criação dessa instituição formaram um compósito a medida em que as diferentes visões se complementaram e representaram um tempo vivido, passando pelas análises de sua materialidade, organização,

funcionamento, quadro imagético e projetivo, representações, tradição e memórias práticas, envolvimento e apropriação daqueles que participaram dessa história (OLIVEIRA, 2019).

As análises revelaram uma representação do período de criação dessa instituição que apontaram motivos, encaminhamentos e ações tomadas naquele momento para a institucionalização da creche. A seguir o texto dedica-se a apresentar as representações vividas, considerando a importância da constituição daquele lugar em espaço que foi fundamental para a construção das relações entre crianças, famílias e as professoras.

### AS CRIANÇAS, O ESPAÇO E AS PROFESSORAS BEM-EDUCADAS

Alessandra<sup>16</sup>, juntamente com sua irmã Daniele, chegou à creche ainda bebê com cerca de quatro meses. Durante a entrevista afirmou que quase não se recordava do que viveu naquele tempo. Mas, que guardava as diferentes histórias que lhe foram contadas ao longo da vida e que lhe pareciam muito reais e voltavam à sua memória quando tentava relembrar aquele tempo.

Relatou que não se lembra precisamente do prédio, mas que tinha vagas lembranças de onde hoje funciona a EPE. Seguiu relatando que todos os dias ia para a creche de ônibus com sua mãe, que a segurava em um braço e no outro uma bolsa grande com roupas e comida para o dia. Algumas coisas a marcaram profundamente, como a situação de ter sua tia Rosa como professora da Escola de Enfermagem. Lembra que havia um murinho e uma janela de onde observava o movimento da escola:

*A gente ia muito visitar minha tia, e enquanto ela dava aula nós olhávamos pela porta e pela janela. Ela estava sempre presente nos momentos em que eu estava na escola. [...] Eu sentia muita alegria, com a “Taia” era sempre alegria, é um orgulho que existiu a vida inteira, desde muito pequenininha. Mesmo pequena, eu a olhava sempre ensinando as outras pessoas, e ela tinha uma fala BONITA, e eu já tinha uma noção de que era uma pessoa ensinando as outras, ela sempre foi muito querida (Entrevista Alessandra).*

A narrativa revela que o ambiente sério e profissional da *Escola de Enfermagem* se quebrava com a presença das crianças. Se rendia às graças de quando os pequenos escapuliam da área de recreação para visitar as salas de aula da graduação ou circular nos corredores, com ares de que faziam alguma coisa errada. As alunas da Enfermagem e as demais funcionárias se encantavam com a presença das crianças:

*Olha, sempre foi festa, e me pegavam no colo e beijavam muito. Minha mãe comentava que era a mais gordinha e mais simpática. Ela fala que eu era uma “bebê muito simpática!”, e precisava até ficar me limpando[...] porque eu era muito beijada. Eu era muito sorridente, de sorriso fácil (Entrevista Alessandra).*

---

<sup>16</sup>Alessandra Pimenta C. G. de Oliveira foi uma das primeiras crianças da creche, juntamente com sua irmã Daniele – Entrevistada em 21 de março de 2018.

Segundo os relatos, a *Comunidade Infantil*, juntamente com a EPE, apresentava características de uma *grande família*. A relação entre as mães das crianças que frequentavam a creche ultrapassava os vínculos profissionais e os muros da escola. Além do tempo substancial que passavam no trabalho, os laços foram se fortalecendo, e as famílias passaram a se encontrar em outros momentos de lazer e descanso. Para elas, o local era considerado como extensão dos seus lares e de suas famílias:

*SEMPRE, a gente sempre se frequentava entre as duas famílias, a família da tia Gaby, que é a mãe do Hugo e era professora de lá também, a tia Alba e outras várias professoras lá. Nós crescemos juntos, mesmo depois da escola e do berçário (Entrevista Alessandra).*

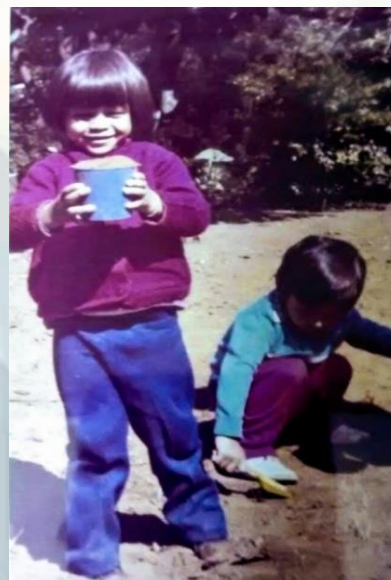
A narrativa de Alessandra revela que o ambiente e as pajens não marcaram suas lembranças na passagem pela creche e destaca que a presença de sua tia foi muito importante para aqueles momentos vividos. Sua mãe e sua tia estavam presentes na maior parte do tempo, o que satisfazia suas necessidades e revela que aquele foi um tempo em que se sentia muito amada. Ao se lembrar vagamente de algumas situações, afirma: “Diria que é uma coisa de coração que até me emociona, já passei por aqui”.

**FIGURA 1** - Alessandra na área externa da Creche - 1972



**Fonte:** acervo particular - Suzana Pimenta

**FIGURA 2** - Daniele na área externa da Creche - 1973



**Fonte:** acervo particular - Suzana Pimenta

As fotografias cedidas pela mãe- figuras 1 e 2- apresentam imagens das irmãs Alessandra e Daniele aparentemente felizes, bem cuidadas e saudáveis. A paisagem com grande

presença da natureza, em dias de sol, mostra a luminosidade que irradiava entre crianças e vegetações. A brincadeira ao ar livre, a interatividade e a afetividade entre os pequenos marcam as fotos e expressam a concepção de educação das crianças pequenas à época.

É possível observar que o sorriso é uma das marcas das imagens, o que nos permite inferir que a creche fosse um ambiente que trouxesse felicidade, além dos bons cuidados exigidos naquele momento. Barthes (2009) destaca que no processo de escolha e seleção das fotografias o primeiro passo é classificá-las e agrupá-las, a fim de formar um corpus capaz de reconstruir uma representação de um acontecimento ou tempo vivido. A cena escolhida para ser retratada não foi um simples empréstimo, ali se formou o cenário que o fotógrafo julgou ser ideal para representar as práticas vividas no cotidiano.

As relações vividas naquele tempo se constituíram de laços, sentimentos e responsabilidade profissional, transformando um espaço de convivência para todos que ali passavam, dando vida ao lugar. Certeau (2014) alerta para a distinção entre lugar e espaço nas relações de coexistência. Segundo o autor, lugares são comuns e não estabelecem familiaridade, portanto, não definem identidade. É uma configuração espacial que a princípio não pressupõe vínculo, é inerte, implica ordem. Já espaço indica relações, apropriações e vivências. Nesse sentido o autor afirma que:

O relato de espaço é em seu grau mínimo uma língua falada, isto é, um sistema linguístico distributivo de lugares sendo ao mesmo tempo articulado por uma “focalização enunciativa”, por um ato que o pratica. [...] Basta aqui, antes de ir buscar as suas indicações na organização da memória, lembrar que com essa anunciação focalizante o espaço surge de novo como lugar praticado (CERTEAU, 2014, p. 198).

De acordo com o autor, as narrativas podem revelar transformações de lugares em espaços ou espaços em lugares. Os elementos dos espaços observados durante as narrativas com base no cotidiano formaram um *palco* e constituíram um *cenário*, não de maneira descritiva, mas dotadas de ações que levaram à representação do vivido, isto é, o espaço se configurou como lugar praticado.

As mães conquistaram o direito de levar as crianças para esse espaço, e inicialmente tinham a responsabilidade pela organização do local, alimentação das crianças e contratação de pessoal. Naquele tempo os cuidados das crianças ficavam sob a responsabilidade de professoras

leigas<sup>17</sup>, ou seja, que não possuíam nenhuma formação inicial. A principal preocupação era com um local seguro que garantisse a alimentação, cuidado e higiene dos pequenos.

Nos primeiros anos não havia critérios preestabelecidos para a contratação das pajens, que se dava a partir das indicações de conhecidos. As mães justificavam a falta de critérios para seleção das funcionárias pelo acompanhamento e apoio da Enfermagem nas ações com as crianças. Sobre a contratação é revelado que:

*Elas não eram meninas, nem senhoras mais velhas, eram moças na faixa etária de vinte e poucos anos. Não necessariamente vinculadas a uma escolaridade adequada. Era levado mais em conta como era a pessoa mesmo, como ser humano, porque ia ter a retaguarda do departamento de Pediatria também (Entrevista Suzana).*

Anita foi uma das primeiras pajens da creche, contratada por Suzana, ainda no ano de 1971. Foi descrita como pessoa calma e educada, mas não há lembrança acerca de sua escolaridade. A figura 3, apresenta a pajem ao lado de Alessandra, em um dia de sol, nos fundos da EPE, onde ficava a *Comunidade Infantil*. Muito provavelmente, esta fotografia tenha sido tirada no mesmo dia da Figura 1, visto o tamanho da criança e a roupa que vestia. O traje de trabalho: avental branco e lenço na cabeça, se assemelha a uma profissional da área da saúde, ressaltando a preocupação com a higiene no trabalho com as crianças pequenas daquele tempo.

**FIGURA 3 - Alessandra e sua pajem na área externa da creche – 1972**



**Fonte:** acervo particular – Suzana Pimenta

<sup>17</sup> Eram chamadas de professoras leigas, aquelas profissionais que não possuíam habilitação específica para desempenhar sua função. Eram consideradas menos aptas a conduzir o processo de aprendizagem. No entanto, isso não significa mau desempenho profissional, pois vários saberes compõem a profissionalidade docente além dos saberes acadêmicos (SILVA, 2015).

Suzana não se recorda do nome da colega de trabalho que fez a indicação de Anita para ocupar o cargo. As narrativas revelam que a escolaridade, ou qualquer tipo de formação, pareciam irrelevantes naquele momento, o fundamental era ser *boa pessoa e bem-educada* para garantir que as crianças fossem bem cuidadas e tivessem bons modelos de educação. Segundo as entrevistadas, as pajens tinham atribuições mais comuns, que não exigiam conhecimentos específicos, eram basicamente os cuidados relativos à higiene e alimentação, já as atividades *científicas* eram elaboradas pelo pessoal da Enfermagem.

Já no ano de 1973, começaram a chegar mais crianças à creche e a EPE assumiu a responsabilidade pelo atendimento, contando com duas funcionárias cedidas pela Enfermagem. Nesse momento, as despesas salariais eram pagas pela Escola Paulista de Medicina. Em relação a formação das funcionárias Marianna revela que:

*[...]Tinham provavelmente, eu não me lembro mais. Tinham o curso primário talvez. Mas eram muito educadas, porque a seleção pra trabalhar na escola era muito severa... elas eram muito gentis, muito educadas, cuidavam da Escola de Enfermagem... A gente era interna, cozinha, quarto, limpeza etc. e então, nos cederam duas dessas funcionárias [...]. As crianças ficavam lá, recebiam carinho, comida, [...] ficavam o dia inteiro, até que a mãe acabasse de trabalhar e fosse embora (Entrevista Marianna).*

As professoras não tinham formação específica, diferentemente dos profissionais da Enfermagem que atuavam na creche. Desse modo, a hierarquia e a superioridade dos profissionais da saúde se manifestaram a todo momento durante as narrativas em relação as funções e ao funcionamento da instituição.

Novamente recorre-se a Certeau (1976) para as análises das narrativas que consideraram que as falas são impregnadas de representações formadas nas diferentes identidades em determinada época. Dessa forma, compreende-se que “[...] todo sistema de pensamento encontra-se referido a ‘lugares’ sociais, econômicos, culturais, etc” (p. 17).

A baixa escolaridade das pajens, a falta de formação profissional, a instalação da creche no mesmo prédio da Enfermagem, a presença das mães durante boa parte do dia na rotina das crianças, a influência da área da saúde e o *manual Comunidade Infantil Creche (1979)* nortearam as práticas cotidianas da *Comunidade Infantil*, que serão apresentadas a seguir.

## **PRÁTICAS COTIDIANAS NA COMUNIDADE INFANTIL**

Foi possível observar transformações e permanências nas práticas durante toda a década de 1970. As relações continuaram com ares familiares, as atividades pedagógicas permaneceram sob a elaboração da Enfermagem Pediátrica, os horários se conservaram



ampliados, de modo que, contemplassem o período de trabalho das mães -que muitas vezes ultrapassavam o de atendimento- e as mães continuaram levando os lençóis para lavar em casa aos finais de semana.

Certa mudança foi observada em relação à alimentação das crianças. No início, os alimentos eram escolhidos, preparados e enviados de acordo com os hábitos e cultura familiar. Em meados da década de 1970, a creche ainda não fornecia a alimentação, mas contava com um cardápio semanal, elaborado por nutricionistas, que deveria ser seguido pelas mães no preparo das refeições a serem enviadas à creche.

Também houve mudança em relação às despesas, no início os salários das pajens eram pagos pelas mães, os mobiliários haviam sido doados pelas mães e pelos amigos de Marianna e as funcionárias de limpeza eram cedidas pela EPE. Já na segunda metade da década de 1970, a *Comunidade Infantil* passou a ser subordinada à Escola Paulista de Medicina, que assumiu todos os custos e despesas como: compra de móveis, materiais, salário das pajens e dos funcionários e a contratação de uma professora.

Apesar de a *Comunidade Infantil* não ter sido vinculada a nenhum departamento ou órgão da Educação ou da Saúde, a análise das fontes revela que a instituição seguia as orientações e os mesmos pressupostos teóricos da época para instituições educativas de crianças pequenas pautados nos pressupostos piagetianos.

De acordo com Kuhlmann Jr (2000) na década de 1970 as orientações às instituições infantis partiam dos órgãos de assistência social e da saúde, deste modo, as práticas cotidianas em creches eram entendidas como assistencialistas e não pedagógicas. No entanto, a *Comunidade infantil* buscava uma linha de trabalho que superasse o binômio saúde e nutrição. Nesse sentido Augusto (1979) afirma que “para o atendimento a filhos de funcionários da Escola Paulista de Medicina, da área médica e de Enfermagem, foi criada uma creche onde se desenvolvem as técnicas mais avançadas de assistência global à criança” (p. 3).

Para sistematização do trabalho na instituição Marianna Augusto, juntamente com outras Enfermeiras, também especializadas em Pediatria e Puericultura, organizou a escrita do manual *Comunidade Infantil Creche* (1979). Esse documento foi fruto das práticas que já vinham acontecendo na *Comunidade Infantil* e na *Creche do Jardim Sabiá*, pautado nos pressupostos piagetianos tinha como objetivo “[...] orientar a organização e funcionamento das creches que atendam às exigências da pediatria contemporânea e ofereçam melhor assistência à criança” (AUGUSTO, 1979, Prefácio).

As práticas cotidianas seguiam as orientações previstas no capítulo intitulado *O Ritmo Diário de uma Criança na Creche*, com um Programa de Estimulação, conforme é apresentado no quadro 1.

Faixa etária	Linguagem	Conduta motora	Conduta adaptativa	Conduta pessoal-social
Para crianças de 0 a 4 meses	Fazer com que tome conhecimento dos sons, falando e explicando tudo o que faz com ela, introduzir tipos de sons gradativamente: chocalho, guizo, sino, água corrente e outros.	Prepará-la para engatinhar, desenvolver a musculatura e controlar sua cabeça. Colocar brinquedo ou objeto na sua frente e incentivá-la a pegar; mantê-la deitada e puxá-la suavemente para a posição sentada, segurar suas pernas quando deitada, e com uma das mãos levantar sua nuca lentamente, a fim de exercitar os músculos do dorso, pescoço e pernas.	Tomar conhecimento dos objetos que fazem parte do seu ambiente social e afetivo, colocando móveis, figuras, tiras de papéis coloridos em seu campo visual, para sentir a pressão dos dedos, dar-lhe diversos objetos: brinquedos, cenoura, colher, argolas e bichinhos de borracha, plástico ou pano e incentivar sua manipulação.	Levar a criança a sentir-se mais importante, e ampliar o seu mundo, tornando-a mais sociável, e desenvolver a atenção, oferecendo-lhe a colher durante as refeições, para iniciar o seu aprendizado. Levá-la para passear para observar cenas ao ar livre, brincar com ela de bater palmas, rir e cantar.
Para crianças de 4 a 7 meses	Fazer com que a criança fique atenta aos diferentes sons, emita outros em resposta ao adulto e perceba a direção dele, sorria, gargalhe, repita e imite o adulto. Colocar-se atrás dela e chamá-la pelo nome, estimulando a voltar a cabeça, mostrar-lhe figuras e nomeá-las, assim despertar a harmonia e a estética.	Prepará-la para engatinhar, desenvolver a musculatura e controlar sua cabeça. Colocar brinquedo ou objeto na sua frente e incentivá-la a pegar; mantê-la deitada e puxá-la suavemente para a posição sentada, segurar suas pernas quando deitada, e com uma das mãos levantar sua nuca lentamente, a fim de exercitar os músculos do dorso, pescoço e pernas.	Tomar conhecimento dos objetos que fazem parte do seu ambiente social e afetivo, colocando móveis, figuras, tiras de papéis coloridos em seu campo visual, para sentir a pressão dos dedos, dar-lhe diversos objetos: brinquedos, cenoura, colher, argolas e bichinhos de borracha, plástico ou pano e incentivar sua manipulação.	Fazer com que a criança se sinta mais independente, amplie seu mundo, tornando-se mais sociável, e desenvolver a atenção, oferecendo-lhe a colher durante as refeições, para iniciar o seu aprendizado. Levá-la para passear para observar cenas ao ar livre, brincar com ela de bater palmas, rir e cantar.
Para crianças de 7 a 12 meses	Desenvolver seu vocabulário, fazê-la imitar sons, despertar a sensibilidade musical, incentivar a pronúncia de sons simples, mamã, papá, dadá. Mostrar objetos, pronunciar o nome para que imite e repita. Conversar sobre o que acontece ao redor e sobre as atividades. Cantar, variar o ritmo e	Desenvolver atividades para que ela possa engatinhar para pegar objetos. Liberar os movimentos, desenvolver os músculos, dar maior segurança, fazer rotação do corpo, sentir os pés como ponto de apoio, exercitar toda musculatura, sentar sem apoio, elevar o tronco e ficar de e andar. Incentivá-la andar com apoio, deixá-la engatinhar	Desenvolver a habilidade de usar as duas mãos, imitar movimentos, desenvolver a coordenação visual motora e o sentido de direção, oferecendo materiais como blocos, tampas de panela, colocar e retirar objetos de uma caixa, brincar com água e areia, oferecer lápis, papel e a colher na hora da refeição.	Fazer com que a criança fique mais independente, desenvolva o hábito de ordem e cortesia, ensinando a alimentar-se sozinha e ajudando-a quando necessário, oferecer líquido na caneca ou copo de plástico. Ensiná-la a guardar seus brinquedos, a estender a mão para as pessoas e dizer adeus.

	acompanhar com o corpo.	livremente e sentar-se sem apoio.		(continua)
--	-------------------------	-----------------------------------	--	------------

Faixa etária	Linguagem	Conduta motora	Conduta adaptativa	Conduta pessoal-social (continuação)
Para crianças de 12 a 24 meses	Manipular e nomear objetos, desenvolver a linguagem realizando as seguintes atividades: incentivar e reforçar o uso de novas palavras, mostrar figuras e gravuras com objetos e animais do seu conhecimento, pedindo para identificá-los e nomeá-los das ordens simples que a criança pode executar. Organizar jogos para criança apanhar 2 ou 3 brinquedos.	Localizar-se no espaço tomando como ponto de referência o seu próprio corpo. Adquirir equilíbrio e conhecer as partes do corpo através das seguintes atividades: brincar com a bola, chutando-a e jogando-a com as mãos, andar em diversas superfícies, seguindo traçados, subir e descer, esconder brinquedos para criança localizá-los.	Fazer com que a criança conheça as partes do próprio corpo, solucione problemas de ordem mecânica e desenvolva a coordenação motora, através de atividades como: empilhar caixas de fósforo ou blocos de madeira, colocar e retirar objetos de dentro de uma caixa, derramar grãos de feijão e arroz ou água de uma vasilha para outra, mostrar as partes do seu corpo colocando a mão e identificando-as.	Obter controle do esfíncter anal, treinar o controle do esfíncter urinário, desenvolver hábitos de higiene e de cortesia e saber alimentar-se sem ajuda através das seguintes atividades: levar as crianças ao banheiro várias vezes por dia e oferecer o urinolzinho para evacuar, oferecer-lhe o irmãozinho várias vezes por dia. Ensiná-la a despedir-se e dizer por favor, oferecer alimentos sólidos, ensinar a mastigar
Para crianças de 24 a 36 meses	Fazer com que a criança reconheça os elementos gradativamente mais simbólicos, associe o objeto à sua função, incentivar a comunicação usando frases através de histórias que ela possa repetir, juntar seus objetos de uso numa caixa e fazer com que ela os retire, identificando-os. Mostrar gravuras conhecidas para identificar e nomear, ensinar pequenas canções, mostrar o objeto e falar para que serve, ensiná-la	Desenvolver a musculatura, o equilíbrio e a coordenação, movimentar-se no espaço descobrindo limites e direções através de algumas atividades como: andar com uma caneca contendo água sem derramar, pular com os dois pés juntos, jogar objetos a distância tentando atingir um alvo, apanhar bolinha com os dedos dos pés, passar por cima de uma corda sem tocá-la.	Desenvolver a motricidade simples fina, a criatividade e ter noção de forma e tamanho, praticando atividades como: desenho livre, recorte a dedo, picotagem, recorte a tesoura, trabalhos com massinha, argila, barro, desenho na areia, desenho na madeira e trabalhos com material sensorial, empilhar, encaixar e enfiar.	Desenvolver a capacidade de interagir com crianças da mesma idade, identificando-as pelo nome, ampliar a convivência com outras crianças, atender ordens simples. Adquirir hábitos de trabalho e cooperação através de atividades como: memorizar os nomes, imitar animais, exercícios de adivinhação, brincadeiras em grupo, imitar pessoas, lavar as mãos, pentear os cabelos, escovar os dentes, calçar sapatos, repartir brinquedos

Fonte: Quadro elaborado pela autora com dados reportados em (AUGUSTO, 1979, p. 35-41).

O programa previa estimulação para as crianças de 0 a 4 meses, nas atividades de conduta motora. Eram prescritos exercícios para o desenvolvimento da musculatura, que estimulassem a levantar a cabeça, sentar, engatinhar e depois andar. A esse respeito, Kramer (2001) afirma que as propostas educacionais voltadas às pré-escolas e creches apontavam para uma concepção de infância como etapas de desenvolvimento lineares, que deveriam ser alcançadas nos diferentes níveis estruturais.

As atividades de estimulação eram consideradas como essenciais para o desenvolvimento da criança. Previstas na rotina, eram desenvolvidas por profissionais da saúde- enfermeiras e estagiárias do Curso de Enfermagem- que eram consideradas as mais aptas para esse trabalho. As narrativas apontam para a importância do estágio, nesse campo, que permaneceu na Instituição:

*[...] o estágio de Enfermagem é o fazer, e eles participavam da rotina da creche, dando alimentação para criança, fazendo testes de sangue, vendo as falhas de desenvolvimento, fazendo estimulações na área da linguagem ou motora para quem precisasse. Também fazendo a parte afetiva, e o brincar, que é o mais importante. Então, é um estágio para que o aluno entenda o que é ser uma criança saudável, porque quando ela está fazendo estágio no Hospital ele tem o parâmetro do que é uma ausculta boa e uma ausculta com problema. Então, ele vai para esse campo e descobre as necessidades das crianças (Entrevista Conceição)<sup>18</sup>.*

A preocupação com uma formação integral dos estagiários se manifesta quando Conceição afirma que eles precisavam de um comparativo entre uma criança saudável e uma doente e destaca a maneira afetiva como esse estágio acontecia. Nessa proposta a interação entre as crianças ou com os adultos era valorizada.

As narrativas revelaram que naquele tempo os bebês permaneciam grande parte do tempo em berços individuais. Como possibilidade de desenvolvimento destacam-se as atividades pré-determinadas, que eram praticadas por meio de situações preparadas especificamente para atingir objetivos próprios para cada faixa etária, como pode-se observar no quadro 1, a atividade de Conduta motora para crianças de 0 a 4 anos, levantar a nuca da criança lentamente para ajudá-la a sentar.

O termo *Fazer com que* aparece várias vezes no programa principalmente na área da *Linguagem* como por exemplo *Fazer com que* a criança: tome conhecimentos dos sons, fique atenta e reconheça elementos. Esse termo também é utilizado nas atividades de *Conduta pessoal-social* que apontam uma preocupação modeladora das atitudes e comportamentos.

---

<sup>18</sup> Conceição Vieira da Silva Ohara foi professora do Curso de Enfermagem Pediátrica - entrevistada em 16 de julho de 2018.

Fazer com que a criança se sinta mais independente, amplie seu mundo, tornando-se mais sociável, e desenvolver a atenção, oferecendo-lhe a colher durante as refeições, para iniciar o seu aprendizado. Levá-la para passear para observar cenas ao ar livre, brincar com ela de bater palmas, rir e cantar [...] Fazer com que a criança fique mais independente, desenvolva o hábito de ordem e cortesia, ensinando a alimentar-se sozinha e ajudando-a quando necessário, oferecer líquido na caneca ou copo de plástico. Ensiná-la a guardar seus brinquedos, a estender a mão para as pessoas e dizer adeus (AUGUSTO, 1979, p. 35-41).

Ao observar o programa nota-se que a proposta se pautava no preparo da criança para algo que iria acontecer, concepção apresentada nas atividades de *Conduta Motora* e de *Linguagem* sob o uso do termo *Prepará-la para*. Para as crianças de 4 a 7 meses, eram consideradas como atividades de *Linguagem* a movimentação de objetos na frente da criança para que percebessem e imitassem os sons.

Para as crianças de 7 a 12 meses, a *Linguagem* aparecia como memorizações e repetições. O estímulo da pronúncia de sons simples como: *mamá, dadá, papá*, o treino de palavras e frases consideradas simples pelo adulto para serem decoradas, infantilizavam a fala da criança. A linguagem aparecia como um treino da fala que, muitas vezes descontextualizadas se distanciava da sua função social.

A musicalidade nas atividades da Creche aparece tanto nas narrativas, quando as entrevistadas relatam que as *crianças cantavam o tempo todo*, como também no *Programa* que aponta que cantar era parte da rotina e compunha as práticas cotidianas, ora a professora cantava para as crianças, ora as crianças cantavam juntas. As Atividades de *Linguagem* para as crianças de 7 a 12 meses, tinham o objetivo de despertar a harmonia estética, com a variação dos ritmos, para que as crianças acompanhassem com o corpo.

Cantar e dançar aos poucos foi se firmando como uma das características do cotidiano da creche, que logo se constituiria em apresentações para as mães em datas comemorativas e nos anos seguintes em grandes eventos de final de ano. Nos momentos de refeição, além de cantar as crianças também agradeciam os alimentos em oração. Embora as orações de agradecimento fizessem parte da rotina e a Escola Paulista de Enfermagem tivesse vínculo com a igreja católica, os entrevistados afirmaram que a religiosidade não era praticada na creche:

Durante a história da creche foram observadas indicações sobre a religiosidade que permeava as ações cotidianas, como orações antes das refeições, comemorações de datas religiosas e ainda oração na festa de encerramento. No entanto, isso nunca foi observado pelos entrevistados, talvez por não haver distinção de aula de religião e a religiosidade das ações (OLIVEIRA, 2019, p. 207-208).

As Atividades de *Conduta pessoal-social* privilegiavam os bons modos. Havia orientações para ensiná-las a guardar seus brinquedos, cumprimentar e se despedir das pessoas. Nota-se o cuidado com o refinamento dos comportamentos, já que, a *Comunidade Infantil* atendia crianças das camadas médias. A esse respeito afirma Oliveira (2019): “A preocupação com o bom comportamento se expressava fortemente nas práticas, a construção de hábitos e costumes era fundamental para que as crianças se tornassem bem-educadas” (p. 134).

As atividades consideradas pedagógicas eram chamadas de *Condutas adaptativas*, eram elaboradas pela professora<sup>19</sup> e desenvolvidas pelas auxiliares ou pajens, que não participavam do planejamento:

*[...] tinha que desenvolver um trabalho técnico-científico com essas crianças, não podia ser um DEPÓSITO de crianças. Aí eu fiz a programação... eu já tinha feito o curso na França na faculdade de medicina, na Escola de Puericultura da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, já tinha feito curso na Áustria para cuidar de crianças (Entrevista Marianna).*

O fragmento da entrevista revela que a programação era realizada por Marianna, considerada a mais apta para esse tipo de trabalho. A expressão *desenvolver um trabalho técnico-científico* aparece diversas vezes durante o relato, e atesta que as atividades eram planejadas por pessoas altamente qualificadas e desenvolvidas por pessoas leigas, que tinham, talvez, o ensino primário, mas eram *muito bem-educadas*.

Augusto (1979) apresentava uma composição do quadro de pessoal considerada ideal para o bom funcionamento de uma creche, embora o documento considerasse que nem sempre era “[...] possível na realidade brasileira, dada a escassez de recursos disponíveis e principalmente a falta de pessoal especializado” (p. 22).

Era indicado que a formação do quadro funcional completo, denominado equipe multidisciplinar, fosse composto gradativamente por pessoas especializadas profissionalmente. Ainda apontava que alguns aspectos poderiam ser alterados na falta de recursos econômicos. Na impossibilidade de contratação de funcionários com formação universitária, julgava-se prioritariamente a formação da enfermeira especializada em Pediatria e Puericultura, por ser considerada a profissional mais capacitada para assistência à criança.

Além de orientação para a organização das rotinas diárias também apresentava especificações para a contratação de pessoal conforme é possível observar no quadro 2. O

---

<sup>19</sup> A creche tinha uma profissional formada em Pedagogia responsável pelas atividades de ensino e planejamento das atividades a serem executadas pelas pajens.

quadro apresenta critérios considerados relevantes para a contratação dos funcionários na época como: escolaridade, condições de saúde, aparência e idade.

**QUADRO 2 - Critérios para seleção de pessoal**

<b>Critérios</b>	<b>Especificações</b>
Escolaridade	1º Grau completo - secretária e auxiliar de laboratório
	4ª série do Primeiro Grau - auxiliar de puericultura, auxiliar de lactário, cozinheira, auxiliar de cozinha, faxineira, lavadeira, guarda
	Curso técnico - auxiliar de enfermagem
	Curso Normal - professora com especialização em pré-primário
Condições gerais de saúde	Exame físico geral
	Exame dentário
	Abreugrafia do tórax
	Exame protoparasitológico
Aparência geral	Postura
	Cabelo
	Vestuário
	Aspecto geral de higiene e apresentação
Contato com a criança	Deverão ser observados em todos os funcionários, principalmente o humor, a afetividade e a facilidade de contato com a criança. Para observar estes itens, faz-se necessário que o elemento a ser selecionado permaneça na creche durante certo período, no qual será observado e avaliado antes da contratação definitiva.
Idade	Idade mínima- 18 anos
	Idade máxima - difícil de ser estabelecida, pois é preciso analisar a função, as condições de saúde e a disposição física da pessoa.

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora com dados reportados em (AUGUSTO, 1979, p. 23-28).

Novamente a análise aponta que a escolaridade ou a formação profissional não eram as principais exigências para a contratação. O quadro revela que as pajens- pessoas responsáveis pelos cuidados das crianças- eram contratadas como auxiliares de puericultura. A escolaridade exigida era 4ª série do Primeiro Grau<sup>20</sup> - a mesma exigida como mínima para os funcionários de serviços gerais, como limpeza e cozinha.

As condições de saúde, aparência e contato com a criança eram parte dos critérios exigidos. No critério contato com a criança destacam-se as especificações: gostar de criança,

<sup>20</sup> Nomenclatura utilizada à época de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases 5692/1971, que fixou normas para o ensino de 1º e 2º graus.



afetividade, humor e “facilidade com o contato”, aspectos que deveriam ser avaliados e testados antes da contratação. A narrativa de Marianna, complementa esse ideário de profissional quando afirma que era necessário “*ter conhecimento e ser muito bondosa, e saber que criança merece todo cuidado, mais nada! E aí, conforme você pode, você dá!*”

Por volta do ano de 1975 a *Comunidade Infantil* recebeu em seu quadro de funcionários a professora Carlini. Amiga de Marianna, era uma enfermeira que também se formou no Curso Normal e atuou na *Creche* por um bom tempo. Segundo Suzana “[...] *ela era doce, uma pessoa de ouro.*” Foi a primeira profissional da educação na creche e trabalhou com as crianças maiores do jardim, etapa preparatória que precedia a entrada da criança no ensino primário.

A creche seguia com preocupações que privilegiavam o cuidar, mas é possível afirmar que aos poucos foi incorporando ações do campo educacional, inclusive com a contratação dos profissionais. O ensino das crianças maiores passou a ser ministrado pela professora Carlini. A escolaridade mínima requerida para ocupação do cargo era o Curso Normal com Especialização em Pré-primário. Sua função era alfabetizar e preparar as crianças para a próxima etapa de escolaridade. Além da atividade de ensino, tinha como parte de suas atribuições o desenvolvimento de atividades psicopedagógicas, orientação e supervisão das pagens, desenvolvimento da programação de educação musical, elaboração do planejamento, zelo e controle dos materiais pedagógicos, avaliações pedagógicas e orientação às famílias.

A preocupação com o ensino e alfabetização se unia à atenção e ao carinho da professora, o que fazia com que as mães se sentissem seguras e confiantes. Elas não se recordam do método utilizado, mas se lembram de que as crianças saíam alfabetizadas:

*A participação da Carlini foi tão, tão importante, que ela se preocupava em ensinar desenhar, se dedicava a ensinar a desenhar, ela pegava a mãozinha da Daniela, na mãozinha da Alessandra e ficava ensinando, a dedicação dela foi tudo, ela passava muita tranquilidade (Entrevista Suzana).*

Atividades sistemáticas de alfabetização faziam parte da rotina, e praticamente todas as crianças saíam da creche para o primeiro grau, *sabendo ler e escrever* fator que elevava a representação de boa qualidade da creche na visão das mães e da comunidade escolar.

A análise das fontes revelou que embora algumas práticas tenham se transformado e outras permanecido, enquanto a creche funcionou naquele prédio as duas instituições se misturavam. O ambiente sério da Escola de Enfermagem, manifestado nas paredes brancas e organização do lugar, algumas vezes se quebrava pelos encantos das infâncias que se apresentavam cotidianamente na *Comunidade Infantil*.

Finda a década de 1970 e o local do antigo refeitório destinado à creche, já não comportava mais o número de crianças atendidas. Então, foi alugada uma casa de dois andares na mesma rua em que funcionava a EPE, que passou a atender as crianças do berçário. Havia uma preocupação muito grande com a segurança e saúde dos bebês.

Lúcia<sup>21</sup> revela que era um sobrado e os bebês ficavam na parte mais alta do imóvel, acessado por uma escada estreita e íngreme. Os berços foram cuidadosamente adaptados- foram diminuídos em parceria entre a Enfermagem e a equipe de manutenção- para receber um maior número de crianças. As maiores permaneceram no prédio da Enfermagem até a aquisição de um novo local para acolhimento de todas as crianças da instituição.

No final da década de 1980 foram alugadas duas casas muito próximas dali uma para receber o berçário e a outra para as crianças acima de 2 anos. A partir desse momento a Creche deixou de ocupar definitivamente o antigo prédio que possibilitou sua criação. Mesmo funcionando em outro local, a Enfermagem Pediátrica continuou com a responsabilidade de cuidar e orientar o trabalho com as crianças.

### **Considerações finais**

A *Comunidade Infantil* nasceu como creche no local de trabalho para atendimento das necessidades de duas mães trabalhadoras que tinham certo prestígio e reconhecimento de seu trabalho na EPE. Embora o binômio da época fosse saúde e nutrição, observa-se que desde o início o trabalho da instituição apresentou preocupações pedagógicas pertinentes à época. Visto que, a pessoa escolhida para liderar o projeto foi Marianna Augusto. Enfermeira altamente qualificada em puericultura trouxe para a Comunidade Infantil as técnicas mais avançadas para a educação das crianças pequenas na década de 1970. A preocupação com a rotina, atividades de linguagem e de desenvolvimento, dentro da perspectiva piagetiana, apontam para a concepção de cuidar e educar que viria ganhar espaço nas décadas seguintes.

Ao mesmo tempo em que o serviço foi se ampliando, para atendimento da demanda, também foram contempladas as necessidades dos empregadores. Por duas décadas, o período de funcionamento da creche ultrapassou 12 horas diárias e durante um tempo também funcionou aos finais de semana, para atendimento dos filhos das funcionárias que trabalhavam em regime de plantão.

---

<sup>21</sup> Maria Lúcia Moreira Medeiros, foi funcionária da Escola Paulista de Enfermagem da década de 1980 até 2017, atuando em cargos administrativos e pedagógicos. Entrevistada em 21 de fevereiro de 2018.

A creche seguiu com esse projeto institucional até os finais da década de 1980. Na década seguinte a instituição passou a ser chamada de *Paulistinha* e houve a modificação do projeto institucional adotando uma proposta de escolarização mais definida. Nesse momento de transição, como parte das ações foi criado o primeiro concurso para o cargo de Recreacionista. Pode-se considerar um avanço para a época a proposta de criação de um cargo da Área da Educação, com exigência em Nível Médio-Magistério ou Nível Superior-Pedagogia, já que a legislação vigente não previa formação mínima para esse tipo de trabalho.

Dadas essas mudanças, a *Paulistinha* passou a ser considerada como escolinha e não mais creche. No ano de 1996, adquiriu nova configuração estrutural, e iniciou o atendimento, além da creche, de crianças até a 4ª série do Ensino Primário. A creche foi instituída como autarquia federal e o Ensino Fundamental registrado como escola particular, supervisionado pela Diretoria de Ensino, Centro-Sul, do Estado de São Paulo. Esse fator aliado ao vínculo ao Hospital São Paulo e a seleção da clientela, certamente contribuíram para que parte da comunidade escolar considerasse a *Paulistinha* como escola privada.

A instituição segue até os dias atuais com parte dos funcionários contratados pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho, custeados pela Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina- SPDM e pela Associação de Pais e Mestres, e outra parte composta por funcionários públicos. Por certo que há muitos desafios neste convívio cotidiano marcado por diferentes formações, regime de trabalho e condições salariais. Mas também muitas potencialidades de interações profissionais, de reflexões na e sobre a prática pedagógica buscando o aprimoramento, por meio da formação continuada em serviço de uma instituição que se distinga e se constitua como uma unidade de educação infantil, que tal como a universidade a qual se vincula, seja espaço de ensino, pesquisa e extensão.

## REFERÊNCIAS

- ANGRIMANI, D. **Vila Clementino**. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, 1999. (História dos Bairros de São Paulo, 25).
- AUGUSTO, M. **Comunidade Infantil Creche**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1979.
- BARTHES, R. **Câmara clara**: nota sobre a fotografia. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. CLT. **Decreto Lei nº 5.452**, de 1º de maio de 1943, que regulamenta a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Rio de Janeiro: Presidência da República, 1943.

BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971, que Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1971.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB 17/2010**, estabelece Normas de funcionamento das unidades de Educação Infantil ligadas a Administração Pública Federal direta, suas autarquias e fundações. Brasília, DF: Câmara de Educação Básica, 2010.

CARMAGNANI, M. I. S.; PEREIRA, S.R.; SILVA M. G. B. Inserção e impacto social da Escola Paulista de Enfermagem no cenário paulista. In: BARBIERI, M.; RODRIGUES, J. (Org.) **Memórias do cuidar: Setenta Anos da Escola Paulista de Enfermagem**. São Paulo: Editora Unifesp, 2010. p. 167-204.

CERTEAU, M. A operação histórica. In: LE GOFF, J., NORA P. (Org.) **História: novos problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 17-48.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 22 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 2014.

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KUHLMANN Jr, M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN Jr, M. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 5-19, maio/ago. 2000.

MAGALHÃES, J. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

OLIVEIRA, R. C. **Paulistinha, a creche universitária da UNIFESP: a construção identitária de uma história multifacetada (1971 a 1996)**. 2019. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

ROSEMBERG, F. Organizações multilaterais, estado e políticas de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 25-63, mar. 2002.

ROSEMBERG, F.; CAMPOS, M. M.; HADDAD, L. **A rede de creches no município de São Paulo**. São Paulo: Departamento de Pesquisas Educacionais- Fundação Carlos Chagas, 1991.

SÃO PAULO. **Programação de Atividades para a Educação Pré-Escolar**. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Educação e Recreio, 1972.

SÃO PAULO. **O Currículo Pré-Escolar**. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Educação e Recreio, 1974.

SILVA, D. A. **De pajem à professora de educação infantil**: um estudo sobre a constituição identitária da profissional de creche. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

VIEIRA, L. M. F. “Mal necessário”: creches no Departamento Nacional da Criança, Brasil (1940-1970). In: FREITAS, M. C. (Org.) **História social da infância no Brasil** – 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016. p. 165-204.

**Recebido em:** 07/08/2020

**Aceito em:** 01/02/2021